

OPOSIÇÃO DEMOLIDORA: A FORMAÇÃO DO LACERDISMO

Guilherme Pires de Mello¹

Resumo

Nas páginas de seu jornal e por meio das ondas do rádio, o então jornalista Carlos Lacerda seria responsável, a partir da primeira metade dos anos cinquenta, por articular em torno de si significativa parcela da classe média conservadora do Rio de Janeiro, em um movimento político antagônico ao trabalhismo getulista: o lacerdismo. Figura carismática e explosiva ligada à UDN, Lacerda encarnaria a mais ferrenha oposição ao segundo governo Getúlio Vargas, tornando-se, em seguida, pivô na crise de agosto de 1954 que culminara com suicídio do presidente da República. O presente trabalho pretende identificar o que foi o lacerdismo em seu primeiro estágio enquanto oposição, esquadrihando suas principais características originárias, sua relação com imprensa da época, suas eventuais contradições, assim como sua importância moralizadora para classe média. O artigo também busca identificar se é possível considerá-lo como um fenômeno ideológico independente do personalismo de Carlos Lacerda, além de apontar seus eventuais legados.

Palavras-chave: Carlos Lacerda. Lacerdismo. Imprensa. Classe Média.

Introdução

A partir da primeira metade dos anos cinquenta, o jornalista carioca Carlos Lacerda, por meio das páginas do seu jornal, a *Tribuna da Imprensa*, das ondas da *Rádio Globo* e da recém-inaugurada *TV Tupi*, seria responsável por uma campanha moralizante de grande influência na classe média conservadora e liberal do Rio de Janeiro contra o segundo governo do presidente Getúlio Vargas.

Seu carisma, alinhado ao seu texto afiado e sua oratória lancinante, promoveu a articulação de um movimento político em torno de seu nome, capaz de o eleger como o mais bem votado deputado federal pela União Democrática Nacional (UDN) apenas dois meses após o suicídio de Getúlio, e, mais tarde, ao cargo do primeiro governador do Estado da

¹ O autor é aluno do curso de Especialização em Política & Sociedade no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP-UERJ) e bacharel em Comunicação Social e Jornalismo pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA).

Guanabara. O *lacerdismo* encarnaria a vertente mais radical do anti-trabalhismo, *antigetulismo*, antipopulismo e anticomunismo no Brasil.

O presente trabalho pretende identificar os elementos constitutivos do que foi o *lacerdismo* como fenômeno de oposição, esquadrinhando suas principais características fundantes, sua relação com os meios de comunicação da época, suas eventuais contradições, assim como sua importância moralizadora para classe média. O artigo também busca identificar se é possível considerá-lo como um fenômeno ideológico independente do personalismo de Carlos Lacerda.

A proposta se desenvolverá ao longo de três tópicos. No primeiro, identificaremos as circunstâncias políticas da época a partir de uma breve análise das características da UDN e do *udenismo*, de modo a apartá-lo entre duas definições, o *udenismo conflitivo*, cujo maior representante se tornaria Carlos Lacerda com o *lacerdismo*, e o *udenismo pedagógico*, de Afonso Arinos de Mello Franco (CHALOUB, 2013). A seguir, versaremos, também de forma breve, sobre o populismo e o contexto do antipopulismo no Brasil durante o segundo governo de Getúlio Vargas (1950-1954), de modo a concatena-lo na dicotomia *getulismo* e *lacerdismo*.

No segundo tópico, será discutida a importância dos meios de comunicação na formação do *lacerdismo* e na construção das crises políticas que desestabilizaram a Quarta República (1946-1964). A partir dessas verificações, discutiremos os elementos constitutivos na formação do movimento, no seio da capital federal e nos braços da classe média carioca. Distinguiremos o *lacerdismo* entre dois modelos possíveis, um positivo e o outro negativo (DELGADO, 2006), de modo a oferecer chave interpretativa das ações de Lacerda durante sua atuação política.

No terceiro e último tópico, a partir das constatações feitas pelo brasilianista McCann (2003), assumiremos que, em razão de sua mobilização, Carlos Lacerda se tornaria o populista da classe média; identificaremos os impactos do *lacerdismo* na ascensão do eleitorado feminino no País; constataremos que, justamente pelo caráter personalista e centralizador do movimento, o *lacerdismo* não conseguiria promover quadros secundários; identificaremos a importância do liberalismo nas ações de Lacerda (CHALOUB, 2013) e a função moralizadora do movimento perante à classe média (JAGUARIBE, 1954). Por fim, levando em consideração os estudos elaborados sobre o tema (SOARES, 1961; DEBERT, 1979; MOTTA, 1997), buscaremos oferecer uma análise sociologia do fenômeno *lacerdistas*.

As circunstâncias de formação do *lacerdismo*

Embora o termo “populismo” só tenha aparecido nas ciências sociais pela primeira vez no Brasil nos meandros da década de 1950, por meio do pesquisador Hélio Jaguaribe, para descrever o movimento do *adhemarismo* em São Paulo, a União Democrática Nacional (UDN) se estabeleceria, na década anterior, como um partido catalisador de movimentos antipopulistas no país (DELGADO, 2006: 42). Ainda que o partido viesse a apoiar, em 1960, a campanha de Jânio Quadros à presidência da República.

Dentro da UDN, mas não se limitando a esta, movimentos se constituiriam, principalmente, pela defesa do liberalismo clássico, o afeiçoamento pelo bacharelismo, pelo moralismo e a aversão pelos diversos modelos populistas (BENEVIDES, 1981). O partido desenvolveria o caráter anticomunista apenas com a consolidação do *lacerdismo* como corrente dominante, no governo Juscelino Kubitscheck, tendo seu ápice no governo João Goulart. Contudo, a UDN não deve ser confundida com o *udenismo*. O movimento deve ser compreendido para além dos limites formais do partido, estando presente, inclusive, em outros partidos². Portanto, não se tratando de uma doutrina partidária, mas de um certo conjunto de crenças e práticas (CHALOUB, 2016: 295).

Dentro do partido, diversas correntes coabitavam em certa harmonia udenista. Para efeitos do presente trabalho, utilizaremos duas vertentes interpretativas: o chamado *udenismo pedagógico*, delega às elites o dever de mediar os conflitos, com seu maior expoente sendo o político mineiro Afonso Arinos de Melo Franco, e o *udenismo conflitivo*, que toma o enfrentamento político como essencial e unge às elites função de confronto na arena política. Seu maior expoente era Carlos Lacerda (CHALOUB, 2013: 296).

Uma primeira distinção se impõe. A política é, para Lacerda, concebida apenas como prática, sempre vinculada com sua atuação como ator político. Ele não procura, em nenhum momento, atuar como teórico político, pensando a política para além da sua inserção na dinâmica estatal-partidária. Afonso Arinos, por sua vez, foi um dos mais relevantes pensadores políticos brasileiros, possuindo uma sólida obra de história política, teoria política e direito constitucional. Tal diferença nunca pode ser olvidada na análise da literatura política de cada autor, sendo fundamental para a definição das duas perspectivas. De outro modo, porém, não se deve utilizá-la como causa última de todas as distinções, já que as diferenças suplantam a mera distância de origens. (...) Arinos e Lacerda condensam, de certo modo, dois tipos

² Leonel Brizola trataria o Partido dos Trabalhadores (PT) como “UDN de macacão”, por sua fixação em sua superioridade moral em relação à classe política de 1980-90, ponto em comum com a postura udenista (CHALOUB, 2016: 243-244).

clássicos da UDN. Arinos é talvez o maior representante dos liberais históricos da legenda, agregando os requisitos retóricos, genéticos e intelectuais da ala ilustre da UDN, daqueles homens que justificavam o título de partido dos notáveis. Lacerda, por sua vez, se afasta do bacharelismo de tais figuras. (...) A performance política imergia na agressividade, sem meias palavras ou tergiversações, como resultado da gestação de um modo de expressão político próprio. O lacerdismo emerge como corrente autônoma no seio da UDN, sempre amparado em sua base social no Distrito Federal e vinculado ao carisma pessoal do seu líder (CHALOUB, 2013: 301)

Sobre o conceito de populismo, segundo Francisco Weffort (1980), conforme citado por Ana Maria de Abreu Laurenza (1992), este pode ser entendido como a exaltação ao poder público, na medida em que o Estado se coloca, por meio de um líder político, “em contato direto com os indivíduos reunidos na massa”. No período específico da República de 1946, esse fenômeno político teve como resultado dar vozes às reivindicações da classe trabalhadora urbana (apud WEFFORT, 1980).

Embora o autor ofereça uma interpretação válida do fenômeno, é preciso ressaltar que o populismo é considerado um dos vocábulos mais imprecisos das ciências sociais, cuja origem, no Império Russo e nos Estados Unidos durante o século XIX, torna difícil qualquer comparação com o populismo latino-americano, justamente por este “populismo de terceiro mundo” possuir fisionomias distintas (DULCI, 1986:19).

Na América Latina, como ressalta Otávio Dulci (1986), de um modo geral, o populismo possui “caráter eminentemente urbano, relativo ao momento da transição (...) para o desenvolvimento”, no momento em que uma significativa massa, anteriormente limitada ao campo, concentra-se em regiões periféricas aos centros urbanos, tornando-se apta a participar de mobilizações políticas nesse novo cenário. Diferentemente dos termos “fascismo” ou “socialismo”, o populismo é assim taxado “para fins de classificação e interpretação, sem que os grupos neles envolvidos os entendam como tais, sem que isso signifique algo para eles” (DULCI, 1986: 19-20).

No Brasil, o populismo resultaria na sinergia dos interesses econômicos da classe trabalhadora, média e burguesia industrial, e tornar-se-ia elemento constitutivo do *getulismo*.³ O movimento político de caráter populista em torno do carismático presidente tem sua origem na ideologia propagada pela ditadura estadonovista, o trabalhismo, e é entendido por Ângela Maria de Castro Gomes e Maria Celina Soares D’Araújo (1987: 3-4) como “um movimento de opinião pública favorável, até mítico, à figura de Getúlio Vargas”. Ambos os termos são

³ Para uma melhor explanação dessa relação, ver Laurenza, 1992.

complementares, “à medida que a defesa e as conquistas do trabalho são diretamente associadas à imagem do chefe do governo” (GOMES; D’ARAÚJO, 1987: 3-4).

É relevante ressaltar que os “ismos” nesse sentido adotam uma função mais *avaliativa* do que *denotativa*, isto é, “julgamentos pejorativos e leituras consagradoras mesclam-se em um universo de personificação do capital político como forma de capital simbólico” (BOURDIEU, 1989, apud GRILL, 2012: 193). Dessa forma, os termos *getulismo* e *lacerdismo* passam a adotar uma concepção de unidade e de continuidade, “a partir da associação reivindicada ou denunciada entre agentes atuantes no espaço político”.

Estes “ismos” sintetizam, assim, posicionamentos que, de certa maneira, só adquirem sentido se colocados em perspectiva com outras classificações. Portanto, estes se impõem como “instrumentos de localização de agentes em ‘linhagens’ e “de agentes de associação com ‘patrimônios coletivos’”. Seu reconhecimento passa, invariavelmente, pela posse de certos recursos específicos (vínculos políticos ou posições nas tramas políticas) (GRILL, 2012: 193-194).

Os adeptos ao *getulismo* percebem a figura de Getúlio Vargas através de uma ótica bidimensional: “quer como grande estadista e moderno administrador, que soube apreender as reais necessidades do país, quer como ‘o pai dos pobres’ e criador da legislação social”. Segundo Gomes e D’Araújo (1987: 4-5), o personalismo político da figura de Getúlio pode ser entendido como princípio fundante da nova ordem democrática. “Se o *getulismo* tem a marca indelével da personalização”, o trabalhismo, por sua vez, disporia de novas lideranças, com perfis mais diversos em relação à sua origem no Estado Novo, sendo apropriado de diversas maneiras, justamente por também não possuir “um corpo doutrinário suficientemente estruturado”.

A imprensa e o fenômeno *lacerdist*

O proporcionalmente elevado grau de alfabetização e de urbanização da população do Rio de Janeiro dos anos 1950 contribuiu para o conflito de ideias por meio da imprensa da época, em amplo processo de modernização, se tornando principal campo de disputas de capital político na arena carioca. Isto posto, debruçando-se sobre o plano personalista do debate, a polarização estabelecida na República de 1946 entre a UDN e o PTB se distinguiria entre o *getulismo* trabalhista e a sua antítese, a oposição anti-*getulista*, incorporada na imagem do jornalista Carlos Lacerda e do *lacerdismo* (MOTTA, 1999).

Por meio das páginas da *Tribuna da Imprensa*, Carlos Lacerda propagaria a sua própria vertente reconhecidamente radical, o *lacerdismo*, que assumiria, em momentos de instabilidade política, discursos golpistas a fim de assegurar uma suposta “verdadeira democracia”, mais pura, acessível somente após expurgado qualquer vestígio ou herança do ditador Getúlio Vargas e o Estado construído por ele.

Ataques virulentos viriam, quotidianamente, do jornalista Carlos Lacerda; este se torna – dentro da UDN e fora dela – a encarnação militante do anti-*getulismo*, nada poupando a figura de Getúlio Vargas, a quem se referia em termos bem distantes da tradicional elegância dos bacharéis udenistas: “Esse traidor profissional aí está (...) morrerá algum dia de morte convulsa e tenebrosa. Pois ninguém como ele para morrer de morte indigna, da morte de mãos aduncas em busca do Poder, ó pobre milionário do Poder, ó insigne tratante, ó embusteiro renitente! Ele louva e lisonjeia um povo que, de todo o seu ser, ele despreza. Ele não tem com o povo senão a mesma relação que teve com esse mesmo povo a tuberculose, a febre amarela, a sífilis. É uma doença social, o getulismo”. (*Tribuna da Imprensa*, 12/8/1950).⁴

Seu vespertino, portanto, seria responsável por realizar uma ponte “entre a atuação parlamentar da UDN radical e a opinião pública”, nos principais momentos de crise no país.⁵ O poder comunicativo de Carlos Lacerda não se limitaria às páginas de seu jornal, o jornalista se transformaria num grande fenômeno de mídia graças ao rádio e à televisão, que já começava a surgir (MOTTA, 1997:7).

Segundo Delgado (2006:7), as inúmeras crises que se espalharam pela República Populista de 1946, especialmente no período de 1954 e 1964, só seriam identificadas como “crise” perante a opinião pública graças à atuação da imprensa, “caso contrário, seriam apenas rumores internos nos corredores do congresso nacional e nos quartéis”. A grande mídia seria, portanto, a grande responsável por levar instabilidade à esfera pública daquele período (DELGADO, 2006:7).

A origem do *lacerdismo* se dá nos meandros dos anos 1950, na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, durante a crise que levaria Getúlio Vargas ao suicídio e de forma concomitante à atuação da ala “Banda de Música” dentro da UDN (DULCI, 1986:38). No entanto, só alcançaria predominância dentro das diversas correntes presentes na UDN durante a campanha presidencial de Jânio Quadros⁶ e com a eleição de Carlos Lacerda ao recém instituído Estado da Guanabara, também em 1960. Para Delgado (2006:9), o

⁴ BENEVIDES, Maria Vitória. *A UDN e Udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro*, 1981: 81.

⁵ DELGADO, Márcio de Paiva. *O “Golpismo Democrático”: Carlos Lacerda e o Jornal Tribuna da Imprensa na Quebra da Legalidade (1949 1964)*, 2006: 5.

⁶ Idem, *Ibidem*: 9.

lacerdismo se apresentaria, perante à opinião pública, como uma solução radical aos problemas considerados crônicos da sociedade, em especial, as heranças “nefastas” de Getúlio, como a corrupção, o populismo, o *getulismo* proveniente do trabalhismo, a demagogia e, evidentemente, o comunismo (DELGADO, 2006:9).

Embora os anos 1950 não figurarem entre períodos de surtos de anticomunismo no Brasil (1935-37 e 1961-64), o alinhamento de Lacerda aos Estados Unidos, levando em consideração o contexto de Guerra Fria, faria o comunismo alvo de ataques violentos do jornalista (MOTTA, 2005). De acordo com Chaloub (2016: 84), o comunismo, assim como fascismo caudilhista, era compreendido, através da retórica de Lacerda, sob o signo da patologia, ou seja, doenças que acometiam o país, retardando seu desenvolvimento. As diferenças entre as duas ideologias seriam apenas periféricas perante o caráter ditatorial de ambas.

O *lacerdismo*, no entanto, não se caracterizaria apenas pelo que combatia. Há, também, o caráter personalista do movimento, semelhante ao *getulismo*, muito comum em países onde a cultura política ainda se encontra carente de capital social, em que o carisma⁷ exerce grande influência na esfera pública (DELGADO, 2006: 23). Assim, Delgado identifica a participação da imprensa nesse processo, ao atuar como um canal entre o cidadão não-intelectual “atalhos para a compreensão”, através de um processo de adaptação de discurso, de modo a “ampliá-lo para obter um universo eleitoral maior” (DELGADO, 2006:23-24). Da mesma forma, Alessandra Aldé, citada por Delgado (2006), “destaca a importância do carisma e da credibilidade que o jornalista transfere ao “passar a ‘essência dos fatos’ junto ao público”.⁸

O fato de um jornalista, que ao entrar na política de maneira formal (foi vereador, deputado e governador), conseguir dar seu nome a uma vertente política (o *lacerdismo*) é sinal de que a sua figura pessoal oferecia um fascínio junto ao seu eleitorado e aliados além do corriqueiro. (...). Também é digno de nota constatar que um dos principais adversários de Lacerda, o *getulismo*, isto é, a vertente política-eleitoral criada em torno da figura pessoal de Getúlio Vargas, também tem como um dos fatores de sua formação o seu carisma. (...) Lacerda apareceria, portanto, como uma alternativa carismática ao projeto getulista, agregando apoio de setores da classe média, do empresariado não ligado ao nacionalismo, de grupos anticomunistas e religiosos, e de setores conservadores das Forças Armadas. (DELGADO, 2006: 26-27)

⁷ Segundo Max Weber (1978: 1112), o carisma baseia-se no reconhecimento de características específicas, consideradas “sobrenaturais”, no sentido de serem inacessíveis a maioria das pessoas.

⁸ ALDÉ, Alessandra. *A Construção da Política. Democracia, cidadania e meios de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: FGV, 2004: 179-181 apud DELGADO, Márcio de Paiva., *op. cit.*, 2006: 26.

O *lacerdismo* não tem em seu cerne uma discussão profunda sobre os rumos da economia do país, embora professe uma orientação liberal aparentemente contraditória, especialmente se levarmos em consideração o período em que Carlos Lacerda governou o Estado da Guanabara. Seu discurso concentrava-se no “moralismo ascético” e cristão, numa idealizada visão da boa gestão da coisa pública, no anticomunismo, e como solução contrária ao projeto trabalhista, aproximando, assim, os *lacerdistas* de grupos liberais-conservadores, representados pela UDN e pela Escola Superior de Guerra (ESG), que defendiam a não intervenção Estatal na economia ao mesmo tempo que apregoavam um governo centralizador forte e presente (DELGADO, 2006: 31-34). O que não o impediria de aderir propostas nacionalistas e protecionistas se estas representassem exercer o contraponto a Getúlio Vargas.

Não só isso, para atacar seus desafetos, Lacerda lançaria mão das mesmas táticas que ele tanto criticara, adotando, sempre quando necessário, uma retórica evidentemente populista, tornando-se seu representante na classe média na cidade do Rio de Janeiro (MCCANN, 2003: 662-663). Contudo, como ressalta Jorge Chaloub (2016: 35), enquadrar o jornalista carioca no “campo do liberalismo não importa (...) tomar por insignificante seu flerte com gramáticas antiliberais, mas reconhecer no ideário elemento explicativo relevante para grande parte das suas ideias e ações”. Em *Depoimento* (1977), Lacerda comentaria:

Quanto ao chamado *lacerdismo*, foi realmente um fenômeno que existiu e que teve várias conotações, umas muito nobilitantes, no sentido de que o *lacerdismo* seria um Estado de espírito, digamos, reformador e honesto; outras mais pejorativas, como “as mal-amadas”, termo inventado pelo Antônio Maria, exatamente depois daquela história da greve da PANAIR, um certo fanatismo... As “mal amadas”, segundo Antônio Maria, seriam criaturas que não eram suficientemente amadas pelos respectivos maridos ou namorados e que se fixavam em mim, como um mito, assim, machista. Era essa a intenção dos que usavam o termo pejorativamente. Era como se você dissesse, “as solteironas”. (LACERDA, 1977: 222-223).

Ainda de acordo com Carlos Lacerda (1977), o *lacerdismo* se propagaria antes mesmo dele assumir a gestão do Estado da Guanabara, se constituindo em um fenômeno encampado por um jornalista que, pelo poder de sua escrita, abala as instituições do poder.

O que a campanha de Lacerda de 1953 a 1954 revela, no entanto, é que a gramática populista não era meramente persuasiva, mas irresistivelmente sedutora - até mesmo para pretendentes antipopulistas. Os brasileiros da classe média urbana - que desdenhavam os trabalhadores de colarinho-azul por serem excessivamente privilegiados pelo Estado - não eram apenas suscetíveis ao mesmo tipo de retórica nacionalista e protecionista, mas também era capaz de experimentar a mesma sensação de crescente coesão e

poder no meio da mobilização pública através do *lacerdismo*. (MCCANN, 2003: 666, tradução nossa)

Diferentemente das outras correntes ideológicas da UDN, o *lacerdismo* se constrói, primeiramente, na sociedade civil, com o contato direto de Lacerda com a opinião pública, por meio de seu jornal *Tribuna da Imprensa*. Para Delgado (2006: 66), dois modelos de discursos seriam comporiam o *lacerdismo*: um positivo, sendo as posições defendidas pelo movimento, predominantemente estático, e outro negativo, representando as ideias contrárias ao *lacerdismo* e resultante da conjuntura. O primeiro, mais ligado às gramáticas do liberalismo, tal como a liberdade, individual e econômica, e a democracia, acompanhada de boas doses de moralismo. Estes elementos não se alterariam, permanecendo constitutivos fixos do *lacerdismo*. O segundo possui um caráter mais fluído, formulado a partir das circunstâncias do momento, sendo responsável por projetar o seu líder sob as demais figuras da UDN. Encarnaria a versão mais radical do antipopulismo, anticomunismo, do golpismo explícito, e, evidentemente, do anti-*getulismo* (DELGADO, 2006: 66).

O apelo às mulheres, o moralismo político e o personalismo do *Lacerdismo*

Com o passar dos anos, o *lacerdismo* vai se radicalizando e ganhando contornos golpistas, especialmente nos governos Juscelino Kubitschek, com a defesa explícita a um “Regime de Exceção”, capaz de “desintoxicar” a democracia do *getulismo*, e João Goulart, com a defesa de uma intervenção militar de inspiração “redentora”⁹. O *lacerdismo*, portanto, passa por dois momentos chaves em sua gênese: um primeiro, de caráter reformador, e até “revolucionário”, contrário ao governo de Getúlio Vargas e, em um segundo momento, golpista e subversivo, defensor de uma fórmula “verdadeira” de democracia (DELGADO, 2006: 135).

Dessa forma,

Lacerda tornou-se o populista da classe média. Através do processo de mobilização *lacerdista*, a classe média viria a reconhecer-se como a "classe detentora da moralidade brasileira", uma auto concepção que permitira uma militância atuante, ao mesmo tempo em que propunha ao movimento um propósito superior, separando as demandas de seus adeptos das demandas da classe trabalhadora (...) Ele também entendeu que a mobilização da opinião pública era a única maneira de alcançar esse resultado ao mesmo tempo que

⁹ O *lacerdismo* se radicalizaria, adquirindo até mesmo tons reacionários, ao se aproximar de setores militares conservadores, tal como a Cruzada Democrática e de grupos católicos de direita (DELGADO, 2006: 67).

assegurava o aumento de sua própria influência (MCCANN, 2003: 681-682, tradução nossa)

Suas eventuais contradições, como o apoio ao candidato Jânio Quadros, ícone do populismo paulista, seriam fruto de “cálculos e estratégias políticas pragmáticas”. Sobre a retórica *lacerdista*, sempre radical e abusiva nas adjetivações, o autor ressalta que esta não pode ser interpretada como uma simples ferramenta “forjadora de metáforas lancinantes”, mas, sim, como “instrumento de persuasão”, ou seja, de “ressonância através da busca de adesão”.¹⁰

Outra faceta característica do *lacerdismo* foi a aderência e o apelo do público feminino ao movimento. Lacerda, durante sua campanha contra o *Última Hora* e Getúlio Vargas nos anos 1950, incumbiu as mulheres como as responsáveis morais pela sociedade brasileira, através de calorosos discursos direcionados diretamente às donas de casa. Através de seus textos e sua oratória, seja na rádio como na televisão, Lacerda seria o primeiro político responsável pela inserção de centenas de mulheres de classe média na arena política (MCCANN, 2003: 682-683).

Através dos “comícios em casa”, mulheres organizavam pequenos atos políticos que reuniam, em suas casas, apoiadores da UDN e de Lacerda, que também costumava comparecer nos eventos (MCCANN, 2003:684). Esses “comícios” representaram uma versão adaptada para a classe média das grandes manifestações em massa da classe trabalhadora.

Os "comícios em casa" estabeleceram um útil elo entre o espaço público e o privado, facilitando a entrada das mulheres donas de casa na esfera política ao mesmo tempo em que apelava ao seu papel doméstico. Lacerda, então, estimularia esses comícios nomeando mulheres para ocuparem posições-chave no 'Clube da Lanterna' e nos comitês das vizinhanças associados ao projeto, superando o fosso entre casa e praça pública. Em meados de 1953, ele havia cultivado o entusiasmado apoio de um influente grupo de mulheres da classe média. De acordo com uma de suas militantes, "nos chamavam de 'as mal-amadas de Lacerda'. Nós o seguiríamos a onde quer que ele fosse ". (MCCANN, 2003: 684, tradução nossa)

Portanto, o político Carlos Lacerda não só soube adotar uma roupagem “moderna” e “multimídia”¹¹, como também foi capaz de perceber corretamente, até certo ponto, os anseios de uma classe social negligenciada pelo Estado *getulista*. A imagem do líder forte e viril,

¹⁰ AZEVEDO, Luiz Vitor Tavares. *Carlos Lacerda e o discurso de oposição na Tribuna da Imprensa (1953-1955)*. Dissertação de Mestrado defendida no ICHF/UFF em 1988: 114, apud DELGADO, Márcio de Paiva., *op. cit.*, 2006: 76.

¹¹ DELGADO, Márcio de Paiva. *op. cit.*, 2006, 53.

dotado de uma oratória romântica e inflamada, seria o principal atrativo para o emergente eleitorado feminino dos anos 1950 (MOTTA, 1999:30).

De acordo com Chaloub (2016: 33), o movimento político possuiu forte ênfase na ação política, forjada através da crítica ao mundo jurídico e visando a formação de uma nova postura, que renega valores anteriores, e funda essa nova legitimidade nos resultados efetivos construídos pelo seu líder, Carlos Lacerda. Exatamente por essa dependência no carisma de Lacerda, o *lacerdismo* não seria capaz de produzir suficientes personagens secundários. Políticos como Amaral Neto e Raul Brunini nunca flertaram com postos nacionais de maior destaque.¹²

De maneira geral, a trajetória política de Carlos Lacerda é construída apesar de suas constantes mudanças de rumo, que lhe permitiam passear por diversos campos políticos distintos, conciliando, em seus discursos, ideias aparentemente contraditórias. Assim, como escreve Chaloub, “examiná-lo como teórico da política cioso produzir uma filosofia política sistemática e coerente, destoia do estilo que marca a sua atuação política”. Seu pensamento político só ganha sentido, como sugerido anteriormente, quando assume posição de confronto contra seus adversários políticos. Suas ideias, portanto, eram intrinsecamente ligadas ao embate na arena política (CHALOUB, 2016:80).

Entretanto, as ideias não ocupam lugar de pouco destaque na construção de uma personalidade política, pois sua relevância é fundamental para diferenciar a imagem de Carlos Lacerda, como homem público e de ideias, dos males do caudilhismo. Para Lacerda, é dever do homem público mudar conforme mudam as posições objetivas (CHALOUB, 2016:81).

Nesse sentido,

O liberalismo (...) representa algo mais que um mero verniz sobre intenções outras, já que possui papel decisivo na trajetória política de Lacerda. (...) o ideário liberal, por sua enorme penetração nos eventos políticos dos últimos séculos e ampla diversidade de expressões, não comporta uma definição unívoca, mesmo que possa ser remetido a algumas características comuns. O liberalismo de Lacerda surgia, sobretudo, como uma crítica liberal da política brasileira. O ideário era o ponto de partida a partir do qual o político carioca se legitimava como radical opositor não apenas da cena pública do interregno 1945-1964, da qual foi um dos maiores protagonistas, como da própria tradição política brasileira. (CHALOUB, 2016: 81-82)

O moralismo católico também é um dos fatores fundantes do *lacerdismo*. O sociólogo Hélio Jaguaribe (1954), em um dos primeiros esforços para se entender a campanha de

¹² CHALOUB, Jorge Gomes de Souza. *op. cit.*, 2016: 34.

Lacerda contra o *Última Hora*, escreveu que, na ótica dos moralistas, todos os problemas nacionais foram transferidos para o plano moral. “E nesse plano, polarizados em termos de mal e bem absolutos. Tudo o que estava ligado a *Última Hora* se transformou em mal absoluto. Tudo o que lhe era adverso, em bem absoluto” (JAGUARIBE, 1954). Esse comportamento se diferencia do “moralismo filosófico”, focado em discussões abstratas, e passa a assumir facetas do “moralismo político”, que é interpretado em condições concretas. Assim como os posicionamentos políticos de Lacerda, seu moralismo também não assume princípios imutáveis, se permitindo certa mobilidade na dinâmica das conjunturas (CHALOUB, 2016: 116).

Segundo Jaguaribe (1954), as campanhas moralizadoras podem ser identificadas como um fenômeno tipicamente pequeno-burguês, cujo ponto de partida, na crise dos anos 1950, se deu a partir das relações escusas do Banco do Brasil o jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer. Para o sociólogo, o governo de Getúlio teria subestimado a importância da classe média e de suas crescentes necessidades frente ao aumento do custo de vida e da valorização dos salários do proletariado urbano, ao passo que seus ordenados permaneciam estacionários. O moralismo político, portanto, seria uma “superestrutura ideológica da classe média” que serviria de ferramenta para a burguesia mercantil, se utilizando do idealismo da classe média por meio das campanhas de moralização, fazendo-a pensar estar numa cruzada revolucionária, de modo a atingir seus objetivos próprios e consolidar um cenário de dominação das demais classes sociais, com o inevitável prejuízo da inautenticidade do Estado e do governo (JAGUARIBE, 1954).

Classificar Carlos Lacerda ideologicamente de maneira definitiva, como mencionado anteriormente, torna-se, então, uma tarefa dificultosa, cujo resultado seria algo distante da realidade, devido à dinâmica de sua volatilidade política. Chaloub (2013: 302) identifica ser possível notar certo autoritarismo em suas ideias, como sua oposição em relação ao pleito previsto para 1955, cujo resultado seria a eleição de Juscelino Kubitschek.

Como aponta Gláucio Ary Dillon Soares (1965: 51), embora certo nível de sistematização seja necessário para se caracterizar uma ideologia, amparado por uma certa lógica, é inconcebível “exigir uma coerência total e uma sistematização completa para caracterizar uma ideologia como tal”, uma vez que, “ao nível do homem, as crenças ideológicas são frequentemente contraditórias”.

Em contrapartida, no plano social, a existência de ideologia toma forma em termos de uma “tendência significativa” por parte dos adeptos de uma personalidade política como

Carlos Lacerda. Por exemplo, dentre os adeptos do *lacerdismo*, é possível que se encontre indivíduos que sejam contra ou favor a entrada de capital estrangeiro no país, embora, como revela Soares, haja uma correlação positiva entre os *lacerdistas* e a favorabilidade ao capital estrangeiro. Dessa maneira, a contradição está sujeita a qualquer movimento partidário ou de caráter personalista (SOARES, 1965: 51).

Outro fator que vale ser ressaltado é a “superestima” a respeito de movimentos políticos personalistas, como no caso do *lacerdismo*. É possível aferir uma preferibilidade dos eleitores pelos partidos e pelas “máquinas informativas” que exercem função adjunta na propagação de certos ideais políticos. Dessa forma, um candidato amparado por determinados grupos, teoricamente, já contará com uma penetração maior em determinadas áreas eleitorais devido à função exercida por esse maquinário. (SOARES, 1965).

No caso da UDN do Rio de Janeiro, a penetração de seus candidatos sempre foi superior em áreas da Zona Sul da cidade, enquanto a Zona Norte exerce apoio preferencial aos candidatos do PTB. Este fenômeno costumeiramente repete-se a cada eleição. A explicação para esse fenômeno, para Soares (1965: 52-54), encontra-se numa complexa interação entre os partidos políticos e suas bases sociais, tanto no geral como no particular, assim como no apoio das máquinas de mobilização social, como a imprensa e cabos eleitorais, para atingir seus fins políticos, fazendo que certas candidaturas contem com “um núcleo substancial de votantes cativos”, relativamente influenciados pelos mecanismos de formação da opinião pública.

O personalismo, segundo o autor, não deve ser analisado como um fenômeno político individual, uma vez que este requer ao menos dois partícipes: o líder carismático em si e a população, isto é, aqueles que serão liderados. “Assim sendo, o personalismo é, antes de mais nada, uma relação”, cujas características do carisma de seu líder devem ser examinadas *em função das características da população* (SOARES, 1965:55, grifo do autor). Dessa forma, o personalismo é compreendido como uma relação positiva entre “características individuais do líder carismático e as características sociais, econômicas e culturais de setores da população” (SOARES, 1965: 55).

Seguindo essa lógica, Soares conclui que, sobretudo, o *lacerdismo* é um fenômeno de classe, com forte penetração nas classes mais privilegiadas em detrimento das menos abastadas. Em contrapartida, os movimentos personalistas de figuras como Jânio Quadros e Juscelino Kubitschek rompem com esse cordão socioeconômico e atingem com relativo

sucesso todas as camadas sociais (SOARES, 1965: 61), tornando-se, assim, movimentos mais eficientes do que o *lacerdismo*.

Portanto, o *lacerdismo* deve, sim, ser compreendido como um fenômeno ideológico, apesar de sua volatilidade. Sendo assim, Soares faz as seguintes conclusões: “O *lacerdismo* é predominantemente liberal, não intervencionista, e favorável ao capital estrangeiro, rejeitando (...) a posição nacionalista”, embora seja reconhecido em seu artigo que uma minoritária parcela de *lacerdistas* compactuem com ideais socializantes e até mesmo esquerdistas. Portanto, tanto a ideia de um liberalismo laissez-faire quanto seu oposto poderiam ser constitutivos dos apoiadores de Lacerda (DEBERT, 1979:141).

Para o artigo de Soares, escrito no auge do *lacerdismo*, se o político e jornalista Carlos Lacerda opta por adotar ou não esta posição é “do ponto de vista sociológico, pouco relevante: o fato de que Carlos Lacerda ter maior penetração entre pessoas que adotam essas posições é (...) mais significativo do que suas opiniões pessoais”, que costumeiramente se alteram ao calor de seus confrontos na arena política (SOARES, 1965: 69).

Em 1960, Carlos Lacerda eleger-se-ia governador do recém-formado Estado da Guanabara, com uma vitória apertada sobre Sergio Magalhães (da aliança PTB-PSB), dando início a terceira fase do *lacerdismo*, àquela cuja marca indelével seria gestão urgente e das grandes obras, sustentada na identificação pessoal e carismática de seu líder.

(...)amante das decisões técnicas, que colocava a razão acima das emoções, capaz de unir as duas tradições dicotômicas que marcam o pensamento político brasileiro. Longe de se definirem em termos antagônicos, essas duas imagens se completam para marcar o lugar do mito Carlos Lacerda no imaginário político nacional. Encarnando uma e outra, assumindo simultaneamente os dois papéis, Lacerda desfrutaria do duplo e raro prestígio de ser capaz de provocar emoções e inspirar confiança (MOTTA, 1997:10).

Objetivamente, conforme o resumo de Motta (1999: 29-30), o movimento político que leva o nome do jornalista carioca reside nas emoções despertadas nos admiradores e seguidores apaixonados de Carlos Lacerda. Nesse sentido, ser *lacerdista* ou anti-*lacerdista* significaria partilhar “sentimentos de pertencimentos a grupos que se definam pela comunhão de valores, representações e atitudes com relação à figura carismática de Carlos Lacerda”. Portanto, o *lacerdismo*, para além das suas características ideológicas, está fortemente atrelado às interpretações acerca de seu carisma pessoal.

Considerações Finais

O presente artigo buscou elucidar elementos constitutivos do fenômeno *lacerdista*, iniciado nos primeiros anos da década de 1950, durante a campanha do jornalista Carlos Lacerda contra o governo de Getúlio Vargas e o jornal Última Hora, de Samuel Wainer, e que assumiria contornos diversos nos anos seguintes, como o caráter explicitamente golpista, antes mesmo do início do governo Juscelino Kubitschek, e, mais adiante, uma feição mais administrativa, a partir da gestão de Lacerda no Estado da Guanabara.

Dessa forma, dentre as diversas formulações apresentadas no artigo acerca do *lacerdismo*, podemos interpretar o fenômeno a partir de uma escala regional, mais ligada à modernizante gestão do governador, e nacional, atrelada à permanente imagem de demolidor de presidentes. Contudo, a distinção nem sempre é tão clara, como Lacerda deixa bem claro em seu discurso de posse:

Se não me derem os recursos de que careço (...) restar-me-á sempre um serviço do qual ninguém me pode privar senão Deus – e não hesitarei em lançar mão dele: concentrar-me por inteiro numa só tarefa, transformar o governo numa labareda para atear fogo aos castelos de papelão dos políticos desonestos... (LACERDA apud MOTTA, 1999:43)

Objetivamente, podemos nos referir a alguns tipos de *lacerdismo*, que se desenham a partir de uma realidade concreta e objetiva. Concepção que se demonstra particularmente coerente com a visão de Carlos Lacerda acerca da política, entendida apenas em seus aspectos práticos, devido a certa ojeriza do jornalista carioca às negociatas e à monotonia das conversas políticas, próprias de uma rotina democrática.

Carlos Lacerda demonstra-se extremamente dependente dos meios de comunicação para consolidar a sua imagem de liderança perante à opinião pública. Apesar de se afastar da direção da *Tribuna da Imprensa* após assumir o governo da Guanabara, o jornalista continuaria presente tanto nas rádios como na recém-inaugurada televisão, consolidando-se como o primeiro fenômeno da espécie transmídia do Brasil.

Como político, consagrou-se como antipopulista, a antítese do *getulismo*, mesmo fazendo uso de táticas populista quando julgasse necessário. Seu legado histórico ainda permanece um tanto negligenciado quando confrontado com o de outras figuras históricas da Quarta República como Getúlio Vargas, João Goulart, Jânio Quadros e Juscelino Kubitschek.

Referências

BENEVIDES, Maria Victoria. **A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

CHALOUB, Jorge Gomes de Souza. Dois liberalismos na UDN: Afonso Arinos e Lacerda entre o consenso e o conflito. **Revista Estudos Políticos**: a publicação semestral do Laboratório de Estudos Hum (e) anos (UFF) e do Núcleo de Estudos em Teoria Política (UFRJ). Rio de Janeiro, n.6, pp. 294-311, julho, 2013.

_____. **O liberalismo entre o espírito e a espada: a UDN e a República de 1946**. 2016. Tese de Doutorado (em Ciência Política). Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DEBERT, Guita Grin. **Ideologia e populismo: A. de Barros, M. Arraes, C. Lacerda, L. Brizola**. TA Queiroz, 1979.

DELGADO, Márcio de Paiva. Lacerdismo: a mídia como veículo e oposição na experiência democrática (1946-1964). **Locus-revista de história**. Juiz de Fora, v.12, n.2, pp. 137-153, 2006b

_____. **O “golpismo democrático”: Carlos Lacerda e o jornal Tribuna da Imprensa na quebra da legalidade (1949-1964)**. 2006. Dissertação de Mestrado (em História, Cultura e Poder). Departamento de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

DULCI, Otávio Soares. **A UDN e o anti-populismo no Brasil**. Editora UFMG/PROED, 1986.

GOMES, Ângela Maria de Castro; D'ARAUJO, Maria Celina. **Getulismo e trabalhismo: tensões e dimensões do Partido Trabalhista Brasileiro**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987.

GRILL, Igor Gastal. “Ismos”, “ícones” e intérpretes: as lógicas das “etiquetagens” na política de dois Estados brasileiros (MA e RS). **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 20, n. 43, 193-220, outubro, 2012.

JAGUARIBE, Hélio. O moralismo e a alienação das classes médias. **Cadernos do Nosso Tempo**, n. 2, 1954.

LACERDA, Carlos. **Depoimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. **Lacerda x Wainer: o corvo e o bessarabiano**. São Paulo: Ed. Senac, 1998.

MCCANN, Bryan. Carlos Lacerda: The Rise and Fall of a Middle-Class Populist in 1950s Brazil. **Hispanic American Historical Review**, v. 83, n. 4, p. 661-696, 2003.

MOTTA, Marly Silva da. As bases mitológicas do lacerdismo. In: SIMSON, Olga R. de Moraes von (org.). **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas, Unicamp, 1997.

_____. Carlos Lacerda: de demolidor de presidentes a construtor de Estado. **Nossa História**. Rio de Janeiro, nº19, pp.72-25, maio, 2005.

_____. Frente e verso da política carioca: o Lacerdismo e o Chaguismo. **Estudos Históricos - Cultura Política**, Rio de Janeiro, v.13, nº 24, p.351-376, 1999.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. As bases ideológicas do lacerdismo. Rio de Janeiro: **Revista Civilização Brasileira** n.1, v.4, p. 49-70, 1965.

WEBER, Max. **Economy and society**. Berkeley: University of California Press, 1978.